

## HARRY POTTER DENTRO E FORA DA ESCOLA

MÁRCIA HORÁCIO BARBOSA<sup>1</sup>

*“... Ele [Harry Potter] vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!...”. (Harry Potter e a Pedra Filosofal)*

### Resumo

Este artigo tem por objetivo principal verificar a influência da leitura da coleção de Harry Potter, na formação do leitor, investigando se essa leitura foi motivada pela escola ou não. Para fins deste trabalho, considerarei o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de autoria de J.K. Rowling – considerado pelos meios de comunicação “fenômeno literário infanto-juvenil” – e o depoimento de um grupo de leitores pesquisados por meio de questionário, avaliando suas opiniões à luz de pressupostos teóricos sobre o papel da literatura e da escola na formação de leitores.

**Palavras-chave:** Harry Potter, literatura infanto-juvenil, gêneros do discurso, formação do leitor e a escola.

### Resumen

Este artículo tiene el objetivo principal verifique la influencia de la lectura de la colección de Harry Potter, en la formación del lector, investigando si esta lectura fue motivada por la escuela o no. Para los extremos de este trabajo, consideraré el libro *Harry Potter y la roca de Filosofal*, de la profesión de escritor de J.K. Rowling - considerado para los medias “fenómeno literario infanto-joven” - y la deposición de un grupo de lectores buscó por medio del cuestionario, evaluando sus opiniones a la luz de teóricos estimados en el papel de la literatura y la escuela en la formación de lectores.

**Palabras-llave:** Harry Potter, literatura infanto-joven, clases del discurso, formación del lector y la escuela.

### Introdução

A reflexão sobre a formação de um futuro leitor que, além de entusiasta, seja crítico e habitual, serve como finalidade – sem dúvida pretensiosa – para este artigo. Tarefa difícil, pois se presumiu que “formar leitores” é exclusividade da instituição escolar, que, por sua vez, seleciona e determina quais os livros devem ser lidos.

Contudo, o êxito esperado não tem ocorrido, pois os livros adotados pela escola, principalmente no Ensino Médio, em sua maioria, não têm atraído novos e constantes leitores. Muitas vezes, os livros são tratados apenas como referenciais de épocas, estilos e autores. Os chamados “clássicos da literatura” são trabalhados em suas características formais e, quase sempre, classificados como enfadonhos por seus leitores. No Ensino Fundamental, às vezes os

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Língua Portuguesa: Teoria e Ensino- turma 2005, pelo UNIVAG .

livros ou textos literários funcionam como pretexto para outras atividades que não motivam o aluno a querer ler cada vez mais. Por fim, lamentavelmente, eles acabam servindo a um único e principal objetivo: uma avaliação de conteúdos.

Assim, em lugar de efetivamente formar leitores, a escola está fazendo exatamente o inverso: criando a obrigação em lugar da satisfação de ler. E, claro, desestimulando o aluno.

O aluno-leitor, crítico, autônomo e criativo não pode ficar restrito à indicação arbitrária da escola que determina quais livros devem ser lidos. A escola precisa, sim, perceber o quê o aluno gosta de ler, o que torna essa leitura prazerosa e quais os seus significados. E, mais importante, trazer essas sensações para a sala de aula.

Exatamente nesse cenário de falta de autonomia de leitura é que, em junho de 1997, a autora inglesa J.K Rowling escreveu e inscreveu (conscientemente ou não) o primeiro livro da série *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

A mídia não poupou esforços em divulgar os números que envolviam o personagem Harry Potter: 102 milhões de cópias de todos os livros da série já foram impressas nos Estados Unidos. No mundo inteiro, foram vendidas 260 milhões de cópias, traduzidas para sessenta e um idiomas <sup>2</sup>. Combinados, os primeiros cinco livros da série ficaram durante cinquenta e sete semanas na posição de número um, na lista dos mais vendidos do USA Today. O livro que ocupou durante maior tempo a primeira posição foi o primeiro da série, "*Harry Potter e a Pedra Filosofal*", em 1998, que durante 31 semanas manteve o posto de mais vendido. Curiosamente, vale ressaltar que a venda dos livros de Rowling não foram intensificados a partir do filme. O que o ocorre é que a venda estrondosa dos livros é que gerou a transposição para o cinema. E, mais curiosamente ainda, essa transposição também alcançou números extraordinários de público. Assim, o filme pode ter influenciado, sem dúvida, mas não determinou o que classificou de "fenômeno literário infanto-juvenil" a série Harry Potter.

Podemos até considerar que essa incursão da mídia pelo universo que envolve o livro seja responsável pelos números espetaculares, mas não podemos afirmar que apenas isso seja o responsável por esses mesmos números. Algo mais pode talvez justificar esse resultado.

Em uma primeira análise, poderíamos dizer que o personagem-protagonista é de fácil identificação com os milhões de leitores, ou seja, a sua timidez, os poucos amigos, a ausência

---

<sup>2</sup> Dados extraídos do portal brasileiro Harry Potter na Internet: <http://www.sobresites.com/harrypotter>, visitado em 05-05-06.

da família, a solidão, os conflitos entre grupos de mesma faixa etária, os medos interiores. Todos esses aspectos poderiam responder à pergunta por que os leitores gostam de ler Harry Potter. E podemos ainda considerar que, não só o perfil do protagonista, mas outros personagens secundários, presentes no livro, também se identificam com o leitor. É o caso do Rony, melhor amigo de Harry Potter e de Hermione, a menina estudiosa e inteligente que encontra neles amizade verdadeira e duradoura.

Mas algo ainda mais interessante facilita essa interação entre Harry Potter e seus leitores: é o cenário da obra. Hogwarts é uma escola com todos os elementos que compõem uma escola: diretor, professores, funcionários, salas de aula, avaliações, tarefas, passeios, pesquisa, enfim todo o cotidiano escolar comum a qualquer aluno e a qualquer escola. Claro que existe uma sutil diferença: em Hogwarts, ensina-se magia e bruxaria. No entanto, para aprendê-las, seus alunos devem ler, escrever, interpretar e relacionar-se uns com os outros, conviver com as diferenças. Aprendem na prática aquilo que para a escola é fundamental: a eterna preservação da boa magia que sempre entrará em conflito e disputa com as forças das trevas, do maligno. O universo de Harry Potter é então um universo muito familiar ao seu leitor e este interage com os personagens e vivencia as experiências de aprender a conhecer a si mesmo e ao outro.

Diante dos números de venda que, a despeito das variáveis mercadológicas sem dúvidas importantes para uma análise, fica a questão: Por que a escola desconsidera livros como os da coleção Harry Potter? Uma resposta poderia ser: porque é literatura de massa, e a escola não deve prestigiá-la.

A obra de Muniz Sodré – *Best-seller: a literatura de mercado* – traz algumas considerações pertinentes sobre o que está sendo tratado aqui. Uma delas diz que basta uma visita a qualquer livraria para percebermos que existem, em lados opostos, duas literaturas. Uma reconhecida como “clássica” ou “canônica”. Outra, produzida pelos chamados “autores de literatura de massa”. Ambas se destinam a públicos bem-definidos, pois a primeira pertence à classe erudita, letrada. Já a segunda, é a leitura designada à massa e, por isso mesmo, manipulada pela mídia, não tendo a necessidade de suporte teórico para sua produção. O que a origina e estimula é a lei da oferta e da procura. O autor ainda declara que a literatura de massa é “*na verdade uma literatura não legitimada pela escola ou por instituições acadêmicas, mas pelo próprio jogo de mercado*”. (Sodré, 198, p.11).

Outra consideração do autor, na mesma obra, questiona *Como fazer a diferença entre a literatura culta e a de massa?*(p. 13) uma vez que é possível *que uma obra de literatura culta pode tornar-se um best-seller, assim como um livro “de massa” pode ter sido escrito por alguém altamente refinado (...)*, (p. 6). Ele mesmo reconhece que não é uma tarefa fácil tal classificação e, para isso, será necessária, uma análise do estilo da narrativa. O que significa dizer que *“o estilo culto implica uma intervenção pessoal do escritor tanto na técnica romanesca corrente como na língua nacional escrita”*, (p. 14). Contudo, para a literatura de massa. *“o que importa mesmo são os conteúdos fabulativos, destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade”*. (Sodré, 1985, p. 15).

Sodré afirma ainda que

“... a narrativa de massa não se restringe ao texto escrito, podendo estender-se a outros meios de expressão ou canais (...) como o rádio, o cinema, a televisão, a história em quadrinhos, a fotonovela, tornados possíveis pela revolução tecnológica das comunicações... a passagem para outros meios implica outros códigos, mas não muda a estrutura básica da literatura de massa”.(Ibidem, p. 17)

E continua “... a literatura culta é diferente: a transposição do livro para outro meio altera a natureza da obra original, porque esta se acha comprometida com a língua escrita...”. (Ibidem, p. 17)

Já afirmamos em passo anterior que o sucesso do livro de Rowling foi transposto ao cinema e obteve números expressivos de público e crítica. Não dispomos de dados que comprovem que apenas o leitor do livro de Harry Potter tenha ido ao cinema, mas podemos considerar que muitos daqueles que lotaram salas de projeção, não haviam lido o livro. É fácil constatar que muitas das pessoas que assistiram a todos os filmes, ou mesmo os que leram apenas o primeiro volume das aventuras e desventuras do bruxinho Potter, fizeram-no por motivos diferentes. Entre eles: acompanhar os filhos ao cinema, presentear-los com os livros, por indicação ou sugestão de outros amigos. Mas, ao final, esses adultos acabaram sentindo certa satisfação de participar desse mundo mágico, pois não se pode negar a habilidade daqueles muitos profissionais que com o recurso disponível da tecnologia moderna conseguiram re-criar ambientes mais que imaginários e os transformaram em algo grandioso.

Assim, a cada novo filme, os filhos pedem aos pais a aquisição dos livros. E vale ressaltar que o último filme de Potter foi o livro quatro – *O Cálice de Fogo*, mas a coleção está no volume seis – *O Enigma do Príncipe*, e o sétimo e último livro do personagem está sendo aguardado – e guardado – com grande expectativa com previsão de lançamento mundial para 2007.

Muitos pais acreditam que essa pode não ser a leitura ideal para seus filhos, mas como impedir tamanho interesse? Afinal, o que é a leitura ideal?

Para Smith, a leitura significativa, além de pistas essenciais e o *feedback* para aprender a ler, proporciona o próprio reforço ao ato de ler, ou seja, aprender a ler é uma atividade que pode dar prazer. Segundo o autor, basta observarmos as crianças mergulhadas em livro com o qual elas estão aprendendo leitura e não haverá necessidade de perguntar onde reside a satisfação fundamental. O resultado desse prazer é a convivência e a realização da leitura com significados. Conseqüentemente, um leitor a caminho do mundo da literatura, do conhecimento. As leituras infanto-juvenis acostumam esses leitores às peculiaridades e às convenções dos registros da linguagem escrita, pois as crianças precisam acostumar-se com a linguagem dos livros que não é a mesma linguagem que elas ouvem quando falam ao seu redor diariamente.

Muitas outras coisas são aprendidas com a leitura. A extensão e aprofundidade da compreensão aumentam, tanto para a linguagem oral quanto para a linguagem escrita. Os leitores aprendem a pensar melhor – certamente encontram mais assuntos sobre os quais possam pensar e falar. Há grande e consistente aumento no vocabulário. A habilidade para escrever melhora com a leitura, assim como a ortografia. (Smith: 1999, p. 124)

Na escola, os alunos lêem os livros de Harry Potter. E o fazem por muitas razões: existe aquele grupo que lê e relê; como que procurando algo na obra. Existem aqueles que não aderiram à leitura; mas, curiosamente, colecionam os livros. E ainda na escola, encontramos alunos que simplesmente afirmam que não gostam de Harry porque não gostam de bruxaria.

Uma professora comentou que o que a assustava, em relação à coleção Potter, eram expressões do tipo “harrypottermaníacos”, “pottermania”, e outras afins. Consideração relevante e valiosa, pois essas terminologias poderiam caracterizar certa alienação. No entanto, o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa<sup>3</sup>, versão eletrônica, traz a seguinte acepção para o termo *maníaco*: “*adjetivo – que ou aquele que tem interesse apaixonado e exclusivo ou preocupação exagerada com; que ou aquele que é obcecado por (algo)*”. O grupo de leitores de Harry Potter, que foi entrevistado para esse artigo<sup>4</sup>, enquadra-se na acepção do “interesse apaixonado e exclusivo”, mas não se enquadra na “obcecado por”. Ou seja, os leitores gostam das histórias, dos personagens, do cenário, mas não têm a obsessão de

---

<sup>3</sup> <http://www.houaiss.uol.com.br>

<sup>4</sup> Questionário elaborado para tentar definir o perfil do leitor da coleção Harry Potter

querer ser Harry Potter ou de transformar-se no personagem. Exatamente o oposto do que ocorre, por exemplo, com os aficcionados da série de TV *Jornada nas Estrelas*, que chegam ao extremo de transvestirem-se como os personagens e promoverem encontros internacionais, com a presença dos atores, para representarem episódios da nave *Enterprise* e trocarem experiências com outros fãs.

Assim, acreditamos que os termos “harrypottermaníacos” ou “pottermania” atendem mais a um apelo comercial da propaganda de divulgação de produtos da marca, do que propriamente aos leitores do personagem principal. O questionário utilizado para elaboração deste artigo, pergunta se o leitor adquiriu algum produto com a marca Harry Potter, e a maior parte respondeu “não”.

Mas, por outro lado, vale ressaltar que a faixa etária a que se destina o produto literário Harry Potter não é, necessariamente, aquela em que a leitura deva produzir uma ação efetiva de mudança de comportamento. E, mais uma vez, nos detivemos na simples ação de ler e no prazer que desperta em seus leitores a obra de Rowling.

A disciplina de Literatura no ensino médio estabelece um estudo em que, partindo de determinada obra, se apresenta o contexto histórico, a biografia do autor e as características formais do movimento literário a que pertence. Tudo isso bem-estruturado, dando a impressão de que, à cada momento, corresponde a um tipo específico de produção literária, sempre em oposição ao movimento anterior.

No ensino fundamental, a leitura tem a finalidade de transmissão de valores comportamentais, o estímulo à imaginação, e claro, o ensino da variante padrão da língua.

Esse pode ser um ponto muito importante, pois esses estudos dos movimentos literários e respectivas obras já estão prontos, e pouco ou quase nada exigem dos professores. Conseqüentemente, os alunos não são estimulados a sentir a satisfação com a leitura, e sim devem apresentar, de maneira bem objetiva, o personagem principal, os coadjuvantes, a temática, o ambiente e o tempo. Todas essas informações devem ser transmitidas e retransmitidas até culminar em uma avaliação final.

Na obra já citada de Muniz Sodré, este descreve os mecanismos criativos do *best-seller* e afirma:

“... como qualquer produto de consumo, o texto folhetinesco pode ser submetido a controles de qualidade técnica e ter sua penetração avaliada sistematicamente por institutos especializados. Do ponto de vista mercadológico, o folhetim tem dois públicos: o investidor (capitalista) e o leitor...”. (Ibidem, p. 70)

Mas declara, de maneira pontual, que

“... esse tipo de narrativa [de massa] tende a constituir-se em best-seller porque é uma **poderosa estimuladora de leitura**, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e espicaçar a consciência do consumidor. O folhetim tem um grande público certo. O fascínio duradouro dessa literatura indica que **não se pode** estudá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeitos dos estratagemas mercadológicos ou dos subprodutos da literatura culta... vai-se poder localizar, então, na cultura industrializada para o consumo das massas, elementos da tradição narrativa e imagística do povo... ao se indagarem sobre os usos populares do produto de massa, ao procurarem ir além das frias avaliações de audiência ou das abordagens de mercados, **professores secundários e universitários poderão inclusive aproximar-se da literatura de massa como material de ensino – o que não tem sido feito até agora...** Ademais, o gosto pela literatura folhetinesca poderá ser a fonte de esclarecimentos sobre as maneiras como as populações de tradição iletrada se relacionam com a situação de leitura ou decodificação do texto escrito ou visual... (Ibidem, p. 71 - grifo nosso)

Chegamos então ao ponto de partida desse artigo: a (não) utilização do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* em sala de aula. Já o caracterizamos como leitura de massa<sup>5</sup>, portanto desprestigiada nos centros acadêmicos de todos os níveis. Já apresentamos possíveis pontos que justificariam a interação dos jovens leitores com a obra e com os personagens.

Os textos literários são analisados dessa forma pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

“... o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos de realidade (o discurso científico). **Ele ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretção do mundo atual e dos mundos possíveis...** outros modos de apreensão e interpretação do real corresponde a dizer **que se está diante de um inusitado tipo de diálogo**, regido por jogos de aproximação e afastamento, em que as invenções da linguagem, a instauração de pontos de vista particulares, a expressão da subjetividade podem estar **misturadas a citações do cotidiano, a referências indiciais e, mesmo, a procedimentos**

---

<sup>5</sup> Consideramos aqui o conceito de literatura de massa elaborado por Muniz Sodré: “... todo tipo de narrativa produzida a partir de uma intenção industrial de atingir um público muito amplo. É o mesmo que *best seller* ou folhetim...”. (Sodré, 1985:75)

**racionalizantes.** Nesse sentido, enraizando-se a imaginação e construindo novas hipóteses e metáforas explicativas, **o texto literário é outra forma/fonte de produção e apreensão de conhecimento...**”(Ibidem, p. 26-7, grifo nosso).

Os Parâmetros afirmam que o texto literário pode ser tomado como pretexto para o tratamento de valores morais e tópicos gramaticais, fazendo com que leitores jovens sejam capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, os personagens não são imprevisíveis em suas falas nem no comportamento, mas apresentam sutilezas de ordem lingüística quando expressam pensamentos ou desejos, e seus comportamentos variam de acordo com a situação a que são expostos. Fica bastante claro o papel que cada um desempenha na narrativa, mas isso apenas no decorrer da leitura. O herói Harry Potter irá descobrir, depois de quase todos os outros personagens, quem realmente é e a sua própria história de vida. Todos os outros já sabem e a conhecem. Aí talvez esteja mais um ponto curioso da obra: normalmente o herói se apresenta como herói desde o início, mas Harry primeiro quer ser um menino igual a todo menino. Sente-se assustado por ser quem dizem que ele é. Assusta-se ao conhecer sua história. A única coisa que realmente desejaria era poder estar com os pais, que estão mortos e não podem defendê-lo. Longe do trauma da perda, Harry enfrentará inimigos que não sabia possuir, contará com a ajuda de outros alunos de Hogwarts, de professores, funcionários e, claro, de magia, muita magia.

Sobre a Literatura em sala de aula, Cosson declara

“ a literatura ... é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos... é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra o seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização...”. (Cosson, 2006, p.17)

O papel da escola na formação do aluno-leitor, quanto à seleção de livros, segue alguns critérios: primeiro, a escolha de determinado livro a fim de atender aos fins educacionais como a fluência na leitura, ratificação de valores morais, etc; segundo, a legitimidade dos textos relacionada com faixa etária ou série escolar; terceiro, as condições oferecidas para a leitura literária na escola; e quarto, a importância do professor-leitor.

Mas segundo Mafra:

“... A escola forma, mas há muito tempo não está só. Forma-se além dela e, em muitos casos, apesar dela. As interseções entre diferentes saberes e culturas não cancelam o lugar da escola, mas a rediscutem como pretensão *locus* iluminista e redentor da sociedade...”. (Mafra, 2003. p.71)

As escolas insistem na literatura canônica, já consagrada, e se preocupam com a falta desse tipo de leitura no interior das escolas. Existem aquelas que optam pela contemporaneidade dos textos, mas ainda voltados para a avaliação. O ideal seria a seleção de textos observada a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros.

Para este artigo foi elaborado um questionário destinado a dez leitores da coleção Harry Potter. Sete são estudantes do ensino fundamental, com idade entre 10 e 13 anos. Três são professores, tanto da rede pública quanto privada, do ensino fundamental e médio. A maioria deles não se conhece, e em comum apenas o fato de terem lido o primeiro livro da coleção *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

A primeira pergunta se refere a “como tomou conhecimento da obra Harry Potter”? Apenas dois – professores – conheceram o personagem primeiro no cinema. Os outros conheceram primeiro o livro. O que confirma nossa declaração anterior de que o sucesso na venda dos livros é que originou os filmes, e não o inverso. Perguntamos também sobre a adaptação nas telas dos livros *A Pedra Filosofal*, *A Câmara Secreta*, *O Prisioneiro de Azkaban* e *o Cálice de Fogo*. Todos foram unânimes em considerar a linguagem cinematográfica fiel ao livro.

Queríamos saber o que mais chama a atenção do leitor nos livros de Harry Potter: se a história, os personagens, o cenário. Curiosamente as respostas foram unânimes na opção “todas”, o que poderia significar que não é apenas o personagem principal, com seu poder mágico, mas a soma de todos os elementos presentes no livro como o livro de magias, a prática de feitiços, o ambiente escolar, a convivência dos alunos, o relacionamento com seres fantásticos, tudo isso é atrativo para o leitor.

Três perguntas desempenhavam importante papel para este artigo. A primeira era “Você conversa sobre as histórias de Harry Potter com os amigos”; a segunda “Você teve vontade de ler outros livros depois de ter lido Harry Potter? Quais?; e a terceira “Você gostaria que a escola adotasse o livro Harry Potter como leitura entre os alunos? Por quê?”

As respostas à primeira pergunta foram surpreendentes por dois aspectos distintos. Primeiro porque em função das respostas, em sua totalidade, serem afirmativas, configura-se grande interesse pela trama apresentada no livro, ou seja, a vida de Harry Potter desperta o interesse de seus leitores. Assim como a vida dos seus opositores. Depois, a aplicação de algumas expressões da narrativa, “as palavras mágicas” na vida prática, real. Curioso perceber a grande expectativa que existe quanto ao possível fim do personagem Harry Potter e também sobre quem será o par desse personagem.

Sobre a continuidade do ato de ler, com exceção dos professores que continuaram com sua leitura de conhecimento específico e caracteristicamente “adulta”, os entrevistados seguiram lendo outros livros de aventura, tais como *O Senhor dos Anéis*, *As Crônicas de Nárnia*, *Desventuras em Série*. Mas todos continuaram a ler e com entusiasmo, sem pressão.

A pergunta sobre a adoção do livro de Harry Potter pela escola foi implacavelmente respondida com “sim” por todos os entrevistados. As razões são diferentes: alguns acham que a leitura é de interesse dos adolescentes, de linguagem fácil e bem-elaborada, podendo até mesmo enriquecer o vocabulário, além, é claro, de servir como motivador para a realização de outras leituras. Outros acreditam que existem temas transversais nas histórias de Potter que poderiam ser bem-estimulantes para os alunos, como a utilização de nomes da mitologia em alguns personagens e até o próprio estudo da mitologia. Alguns ainda acreditam em questões de valores comportamentais como a amizade, o respeito aos mais velhos, a competição, a lealdade.

Por fim, acreditamos que existe nova estratégia para estimular os jovens em geral, e os alunos em particular, a exercer a leitura: é o reconhecimento e o acolhimento dos livros que eles lêem sem pressão e com entusiasmo. É a não-imposição de apenas lidar com os livros canônicos. É o desprendimento de pré-conceitos fixados entre “bom” e “ruim” para os livros escritos para atender a essa ávida clientela de futuros leitores:

“... o verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar” [...]” (Pennac, 1995, p. 13). Não se informa; se vivencia, compartilhando...”. (Mafra, 2003,p .18)

Livros como a coleção de Harry Potter podem ser desprovidos de muitos elementos considerados essenciais pela literatura formal, mas são capazes de abrir o universo literário dos alunos, se forem mediados por um professor-leitor, capaz de despertar o interesse, argumentar hipóteses e apresentar sugestões futuras de leitura. Estão dispensados aqui os professores que se fecham às mudanças, às transformações e, acima de tudo, aqueles professores que não estimulam seus alunos a descobrir novos caminhos, universos, novas leituras. Ou, conforme declara Mafra:

“... Espera-se do docente que, como leitor mais maduro, faça a mediação entre a leitura e o jovem. “Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”. (Lajolo: 1993, p. 53)”, (Mafra, 2003, p.8)

Por fim, a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal* não pode simplesmente ser negada ou ignorada, porque seus leitores realizam sua leitura fora do contexto escolar. A negação a essa prática espontânea de leitura pode, em longo prazo, gerar grande desinteresse com a literatura. E o professor é parte importante – senão fundamental – nesse processo de revitalização na formação do leitor: a sua prática deve procurar enxergar o adolescente como um leitor e, através dessa prática, ser capaz de realizar o trabalho de mediação crítica e ideológica, que efetivamente poderá desenvolver o senso crítico e criativo do aluno-leitor. Pois, a prosseguir com essa “desvalorização” da literatura de massa, ou com a leitura espontânea à revelia da escola, insistindo na idéia positivista e determinante do que deve ou não deve ser lido, a escola estará legitimando determinados textos e, conseqüentemente, marginalizando outros. Pior: impondo aos jovens leitores os estigmas já presentes no contexto social: dominante e dominado. Enfim, defendemos a idéia de que toda leitura que gere outras leituras deva ter seu crédito. Até para os defensores do cânone tradicional, cremos haver uma saída. Um livro como *Harry Potter e a Pedra Filosofal* pode servir de partida para trabalho que objetive a ampliação do horizonte de expectativas, de acordo com a teoria de Jauss, sobre a qual não trataremos, pois não é objeto deste artigo. “*Tudo vale a pena se a alma não é pequena*”. Com a licença de Fernando Pessoa, acreditamos no professor que deseja formar leitores, quando passa, antes, pelos caminhos do prazer.

### Referências Bibliográficas

- BARBERO, Jesús Martín. (2003). Nem povo nem classe: a sociedade de massa. In: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, , p. 55-74.
- COSSON, Rildo. (2006). *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 135p.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. (2002) Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: *O texto em sala de aula. João Wanderley Geraldi (Org.)*. 3ª ed. São Paulo: Ática, p. 17-25.
- MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. (2003) *Leituras à revelia da escola*. Londrina: Eduel.
- OSAKABE, Haquira. (2002). Ensino de gramática e ensino de literatura. In: *O texto em sala de aula. João Wanderley Geraldi (Org.)*. 3ª ed. São Paulo: Ática, p. 26-30.
- ROWLING, J. K. (2000). *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco.
- SMITH, Frank. (1999). Aprendendo a tornar-se um leitor. In: *Leitura significativa. Frank Smith* (trad. Beatriz Affonso Neves), 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, p. 113-126.
- \_\_\_\_\_, (1999). O papel do professor. In: *Leitura significativa. Frank Smith* (trad. Beatriz Affonso Neves), 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, p. 127-140.
- SODRÉ, Muniz. (1985). *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, LOPES, José de Souza Miguel (Org.). (2003) Referências e indicações. In: *O cinema vai à escola*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 203-337.